

# I

## Desempenhos

### *Acreditar no Próprio Desempenho*

Quando um indivíduo desempenha um papel exige implicitamente dos seus espectadores que levem a sério a impressão que neles procura suscitar. É pedido aos outros que acreditem que a personagem que estão a ver realmente possui os atributos que parece possuir, que a acção que desempenha tem as consequências que implicitamente afirma, e que, de um modo geral, as coisas são o que mostram ser. Nesta ordem de ideias, encontramos a concepção muito difundida segundo a qual o indivíduo organiza o seu desempenho e exibição “em intenção das outras pessoas”. Será conveniente começarmos o estudo dos desempenhos dando a volta ao problema e examinando a crença do próprio indivíduo na impressão de realidade que tenta engendrar naqueles entre os quais se encontra.

Num dos extremos, verificamos que o actor poderá ser completamente tomado pela sua própria acção; poderá estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a realidade real. Quando a sua audiência tem a mesma convicção acerca da exibição a que o indivíduo procede — e tal parece ser o caso mais comum — então, momentaneamente pelo menos, só o sociólogo ou um observador socialmente insatisfeito estarão em condições de duvidar da “realidade” do que se lhes apresenta.

No outro extremo, vemos que o actor pode não estar por completo convencido da realidade da sua prática de rotina. Trata-se de uma possibilidade compreensível, uma vez que ninguém se encontra em

posição tão favorável como o actor em relação ao papel que desempenha. Ao mesmo tempo, o actor pode ser levado a orientar a convicção da sua audiência apenas como meio em vista de outros fins, não tendo qualquer interesse essencial na ideia que os outros possam fazer dele ou da situação. Quando o indivíduo não acredita na sua própria representação nem tem um interesse essencial na convicção da sua audiência, poderemos chamar-lhe cínico, reservando o termo “sincero” para o indivíduo que acredita na impressão que o seu desempenho visa causar. Devemos entender que o cínico, servindo-se de toda a sua capacidade profissional, poderá extrair prazeres de ordem não profissional da sua mascarada, e comprazer-se nessa agressão gratificante que consiste em brincar com alguma coisa que a audiência terá que levar a sério<sup>1</sup>.

Não consideramos, evidentemente, que todos os actores cínicos estejam interessados em iludir os seus espectadores em vista dos chamados “interesses pessoais” ou benefícios privados. Um indivíduo cínico poderá iludir a sua audiência em vista do que considera o bem dela, ou o bem da comunidade, etc. Para ilustrarmos esta situação, não precisamos de recorrer a organizadores de espectáculos tão tristemente esclarecidos como Marco Aurélio ou Hsun Tzu. Sabemos bem que no domínio das prestações de serviços, os profissionais são por vezes forçados a iludir os que recorrem aos seus serviços uma vez que são estes que veementemente o desejam. Os médicos que acabam por receitar placebos, os empregados das estações de serviço que verificam uma e outra vez a pressão dos pneus dos automóveis de condutoras ansiosas, os empregados de sapataria que vendem um par de sapatos do tamanho devido, mas dizendo ao cliente que o seu número é o que ele quer ouvir — eis outros tantos actores que são cínicos em virtude de as suas audiências lhes não permitirem ser sinceros. De maneira análoga, existem ao que parece pacientes simpáticos nos hospitais psiquiátricos, fingindo por vezes

<sup>1</sup> Talvez o verdadeiro crime do burlão não esteja no facto de ele ficar com o dinheiro das suas vítimas, mas em nos ferir a todos na crença segundo a qual as maneiras e aparência da classe média são um exclusivo das pessoas da classe média. Um profissional desenganado pode ser cinicamente hostil à relação que o público espera dele; o burlão consegue desvalorizar o mundo da “legitimidade” no seu todo.

sintomas bizarros a fim de que as estudantes de enfermagem não se sintam desapontadas por um desempenho demasiado sensato da parte deles<sup>2</sup>. Igualmente, quando as pessoas de estatuto inferior honram com extrema generosidade visitantes de uma categoria superior, o desejo egoísta da promoção pode não ser o motivo principal dessa atitude; a pessoa de estatuto inferior pode estar, com grande tacto, a tentar pôr o indivíduo de estatuto superior à vontade, simulando o tipo de mundo a que pensa que este último está habituado.

Sugeri dois casos extremos: o indivíduo que é apanhado pelo seu próprio desempenho e o indivíduo cínico em relação a este último. Tais casos extremos são mais do que os termos finais de um *continuum*. Cada um deles fornece ao indivíduo uma posição dotada das suas próprias protecções e defesas, pelo que se verificará, naqueles que se movem perto de um dos dois pólos, a tendência para levar a lógica até ao fim. A partir da falta de convicção interior no seu próprio papel, o indivíduo seguirá então o movimento natural descrito por Park:

Não é provavelmente por um simples acaso histórico que a palavra “pessoa”, na sua acepção de origem, designa uma máscara. Trata-se antes do reconhecimento do facto de toda a gente estar sempre e em toda a parte, com maior ou menor consciência, a re-

<sup>2</sup> Ver Taxel, *op. cit.*, p. 4. Harry Stack Sullivan sugeriu que o tacto dos actores institucionalizados pode funcionar também em sentido contrário, resultando numa saúde mental do tipo *noblesse oblige*. Ver a sua “Socio-Psychiatric Research”, *American Journal of Psychiatry*, X, pp. 987-88.

«Um estudo sobre as “remissões sociais” nos nossos grandes hospitais psiquiátricos ensinou-me há alguns anos que os pacientes são muitas vezes dispensados do tratamento por terem aprendido a não manifestar os seus sintomas perante as pessoas que os rodeiam; por outras palavras, integraram suficientemente o ambiente pessoal circundante para adoptarem o preconceito oposto às suas ilusões. Quase se diria que se tinham tornado suficientemente avisados para serem tolerantes para com a imbecilidade que os rodeava, depois de descobrirem que se tratava, de facto, não de maldade, mas de simples estupidez. Eram assim capazes de um contacto satisfatório com os outros, ao mesmo tempo que continuavam a responder a outras necessidades em termos psicóticos.»

presentar um papel... É nestes papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nestes papéis que nos conhecemos a nós próprios.<sup>3</sup>

Em certo sentido, e na medida em que a máscara representa a concepção que formámos de nós próprios — o papel que nos esforçamos por viver —, ela é o nosso eu mais verdadeiro, o eu com que gostaríamos de nos parecer. No termo do processo, a nossa concepção do nosso papel torna-se uma segunda natureza e uma parte integrante da nossa personalidade. Chegamos ao mundo como indivíduos, adquirimos um carácter e transformamo-nos em pessoas.<sup>4</sup>

Trata-se de um ponto que a vida de comunidade da ilha das Shetland pode exemplificar<sup>5</sup>. Nos últimos quatro ou cinco anos, o hotel de turismo da ilha pertencia a, e era gerido por, um casal de origem camponesa. Desde o primeiro momento, os donos do hotel foram obrigados a pôr de parte as suas próprias concepções sobre como se deveria viver, organizando no hotel uma larga gama de serviços e acessórios típicos da classe média. Mais tarde, contudo, revelou-se que os patrões se tinham tornado menos cínicos em relação ao seu desempenho de actores; eles próprios se transformavam em membros da classe média, apegando-se cada vez mais às personalidades que os clientes lhes atribuíam.

Outro exemplo seria o do recruta inexperiente que começa por obedecer ao protocolo militar para evitar punições físicas, mas mais tarde acaba por cumprir as regras para não envergonhar a organização a que pertence e para que os oficiais e os camaradas de quartel o respeitem.

Como já sugeri, o ciclo que vai da descrença à crença pode ser percorrido no sentido oposto, partindo da convicção ou de uma aspiração insegura e terminando no cinismo. Certas profissões que o público contempla com religioso temor permitem muitas vezes que os seus recrutas percorram o ciclo deste modo, e muitas vezes os seus recrutas percorrem-no assim não por compreenderem pouco a pouco que

<sup>3</sup> Robert Ezra Park, *Race and Culture*, The Free Press, Glencoe Ill., 1950, p. 249.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 250.

<sup>5</sup> Estudo da ilha das Shetland.

estão a enganar a audiência — uma vez que de acordo com os critérios em vigor as suas pretensões poderão ser inteiramente válidas — mas porque passam a usar o cinismo como um meio de isolarem o seu ser íntimo do contacto com a audiência. Do mesmo modo, podemos até esperar descobrir, em carreiras tipicamente ligadas à fé, indivíduos que começam por se cometer com o seu desempenho como este parece exigir deles, para depois oscilarem repetidamente entre a sinceridade e o cinismo, até completarem todas as fases e inflexões de orientação próprias de uma pessoa da sua condição. Assim, os que frequentaram as escolas de medicina referem que os principiantes movidos pelo idealismo acabam por pôr de lado por algum tempo as suas aspirações religiosas. Durante os primeiros dois anos, os estudantes descobrem que o seu interesse pela medicina tem de ser posto de parte e que devem consagrar todo o seu tempo a estudar as matérias que lhes permitam passar nos exames. Ao longo dos dois anos seguintes, estão demasiado ocupados a estudar as doenças para se poderem preocupar muito com as pessoas doentes. É só depois da formação médica que os seus ideais primitivos em relação ao serviço médico terão a possibilidade de ser reafirmados.<sup>6</sup>

Embora possamos esperar descobrir um movimento natural de oscilação entre o cinismo e a sinceridade, não devemos por isso excluir essa espécie de ponto de transição que um pouco de auto-engano é susceptível de manter. Vemos que o indivíduo tentará induzir a audiência a julgá-lo a si próprio e à situação de um modo particular, sendo possível que tal juízo seja visado como um objectivo supremo em si próprio, ao mesmo tempo que o indivíduo não acreditará por inteiro merecer a apreciação a que aspira ou na validade da impressão de realidade que procura garantir. Uma combinação diferente de cinismo e crença é a sugerida pela análise a que Kroeber procede do xamanismo:

Surge em seguida a velha questão do engano. É provável que a maior parte dos xamãs ou curandeiros de todo o mundo recorram

<sup>6</sup> H. S. Becker e Blanche Greer, “The Fate of Idealism in Medical School”, *American Sociological Review*, 23, pp. 50-56.